RESUMO: Este estudo nasce de uma inquietação genuína e do desejo profundo de compreender como o afeto e as emoções moldam a trajetória de uma criança que dá seus primeiros passos no universo da leitura e da escrita. Entendemos que a escola não é apenas um depósito de informações, mas um espaço de vivências onde o sentir e o aprender caminham intrinsecamente de mãos dadas. Por meio de uma revisão integrativa da literatura contemporânea, mergulhamos em pesquisas que revelam a afetividade como o verdadeiro motor do desenvolvimento cognitivo. Percebemos que a alfabetização, na Educação Infantil, transcende o ato mecânico de decifrar letras ou juntar sílabas; ela é, em sua essência, um ato de cidadania e de descoberta do "eu" que ganha vida quando há um vínculo real de confiança entre educador e educando. Nesse cenário, a contação de histórias surge como uma ponte mágica e necessária: ao mesmo tempo em que encanta o imaginário infantil, ela expande o vocabulário, aprimora o raciocínio lógico e ensina a criança a nomear seus próprios sentimentos. O estudo destaca que, sem o acolhimento emocional, o processo de aprendizagem pode se tornar árido e sem sentido. Concluímos, portanto, que um ambiente escolar acolhedor e uma relação afetuosa entre professor e aluno são muito mais do que estratégias pedagógicas; são o solo fértil e indispensável onde a semente da aprendizagem floresce com significado, autonomia e motivação. As emoções, longe de serem distrações, são os pilares que sustentam a formação integral do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Emoções; Alfabetização; Educação Infantil; Afetividade; Relação.

ABSTRACT: This study stems from a genuine concern and a profound desire to understand how affection and emotions shape the journey of a child taking their first steps into the universe of reading and writing. We understand that school is not merely a storehouse of information, but a space for lived experiences where feeling and learning walk intrinsically hand in hand. Through an integrative review of contemporary literature, we delved into research that reveals affectivity as the true engine of cognitive development. We realized that literacy in Early Childhood Education transcends the mechanical act of decoding letters or joining syllables; it is, in its essence, an act of citizenship and self-discovery that comes to life when there is a real bond of trust between educator and student. In this scenario, storytelling emerges as a magical and necessary bridge: while enchanting the child's imagination, it expands vocabulary, enhances logical reasoning, and teaches children to name their own feelings. The study highlights that without emotional support, the learning process can become dry and meaningless. We conclude, therefore, that a welcoming school environment and an affectionate relationship between teacher and student are much more than pedagogical strategies; they are the fertile and indispensable soil where the seed of learning flourishes with meaning, autonomy, and motivation. Emotions, far from being distractions, are the pillars that support the integral formation of the human being.

KEY-WORDS: Emotions; Literacy; Early Childhood Education; Affectivity; Relationship.

1. INTRODUÇÃO

Falar de Educação Infantil é, antes de tudo, falar de humanidade em sua fase mais pura e vibrante. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), as instituições de ensino têm a nobre missão de assegurar que cada criança tenha acesso ao conhecimento, mas sem nunca desrespeitar sua essência biológica e social. Isso significa garantir o direito à brincadeira, ao riso, à confiança e, principalmente, à interação. Educar, nesse estágio, não é meramente "preparar para o futuro" ou para o mercado de trabalho, mas sim permitir que a criança viva o presente com dignidade, respeito e acolhimento.

Quando mergulhamos no universo da alfabetização, percebemos que a técnica, sozi-

nha, é fria e mecânica. A Educação Infantil é o solo fértil onde todas as outras fases da vida escolar criarão raízes profundas. Por isso, as emoções não podem ser vistas como algo secundário ou um "extra" no currículo; elas são tão determinantes para o sucesso do aprendizado quanto o método pedagógico escolhido pelo docente. Na verdade, o afeto funciona como o combustível necessário para que as sinapses ocorram e o conhecimento se torne permanente e significativo.

A sala de aula é um espaço de encontros vivos. Se o professor utiliza o afeto como sua principal ferramenta, ele transforma o ato de ler — que poderia ser uma cobrança rígida e punitiva — em um convite diário ao maravilhamento. Quando a leitura é apresentada como algo prazeroso, lúdico e repleto de fantasia, a criança não apenas aprende a decifrar códigos abstratos, mas descobre novos mundos e possibilidades de ser. Estimular a imaginação é, na verdade, um gesto de amor que fortalece a personalidade do pequeno estudante, respondendo às suas necessidades mais profundas, tanto intelectuais quanto afetivas. É nesse ambiente de segurança que a criança se sente encorajada a errar, tentar novamente e, finalmente, conquistar a sua autonomia intelectual.

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) não é apenas um conjunto de regras frias; ela é o reconhecimento jurídico de que a criança é um ser completo, que sente, pulsa e se emociona. Ao olharmos para o cotidiano escolar, percebemos que a transição do ambiente familiar para o coletivo da escola é um rito de passagem carregado de expectativas e medos. Por isso, a alfabetização emocional, conforme defendida por Dourado et al. (2024), precisa ser a espinha dorsal de qualquer projeto pedagógico. Não se trata apenas de ensinar a ler palavras, mas de ensinar a criança a ler o mundo e a si mesma. Quando o professor entende que a educação é um ato interdisciplinar, ele percebe que o acolhimento de uma angústia infantil é tão pedagógico quanto a explicação de uma regra gramatical. Humanizar a introdução à escrita

é, portanto, criar um porto seguro onde a mente da criança tenha a liberdade necessária para florescer sem as amarras da ansiedade ou da pressão mecânica por resultados imediatos.

Nesse contexto, é fundamental compreender que a alfabetização não ocorre apenas no papel, mas no encontro de subjetividades. Quando uma criança segura um lápis pela primeira vez para traçar seu nome, ela não está apenas reproduzindo grafemas; ela está afirmando sua existência no mundo. Humanizar esse processo significa respeitar o tempo singular de cada pequeno, compreendendo que a maturação neurológica caminha de mãos dadas com a segurança afetiva. Um ambiente que silencia o corpo e impõe o imobilismo acaba por sufocar a curiosidade natural, que é a verdadeira mola propulsora de qualquer descoberta intelectual. Portanto, o currículo deve ser vivo, pulsante e flexível o suficiente para abraçar as perguntas inesperadas que surgem no meio de uma atividade planejada.

Recentemente, um volume expressivo de investigações científicas tem deslocado o foco analítico para a centralidade da dimensão afetiva na constituição do comportamento humano. Sob a égide de abordagens que privilegiam as interações sociais, emerge a compreensão de que o "outro" exerce um papel absolutamente determinante na gênese do desenvolvimento e na estruturação da subjetividade individual. Essa mudança de paradigma consolida uma tendência teórica contemporânea que rejeita visões fragmentadas, buscando, em contrapartida, uma compreensão holística e integrada da condição humana.

Durante séculos, a trajetória do pensamento ocidental foi hegemonizada por uma visão dualista e dicotômica, que insistia em separar o Homem entre corpo e mente, matéria e espírito, ou afeto e cognição. Essa herança filosófica, que permeou o conhecimento científico por gerações, refletiu-se em estudos comportamentais que enxergavam o racional e o emocional como instâncias isoladas e, muitas vezes, antagônicas. Predominava a lógica de que a racionalidade deveria exercer um domínio absoluto sobre a emotivida-

de, o que acabava por obscurecer a percepção da totalidade do ser e negligenciar a complexidade das vivências humanas.

Contudo, a ascensão de matrizes teóricas robustas, como a perspectiva histórico-social, proporcionou uma ruptura necessária. Ao enfatizar os determinantes culturais, históricos e sociais como fios condutores da existência, essas teorias permitiram uma releitura profunda da relação entre o sentir e o pensar. Caminha-se, agora, para uma interpretação monista, na qual pensamento e sentimento são faces da mesma moeda, fundindo-se de tal forma que se torna impossível e metodologicamente equivocado analisar essas dimensões de maneira isolada. Tais transformações não apenas oxigenaram a Psicologia como ciência, mas também reconfiguraram as bases éticas de diversas práticas profissionais que lidam com o desenvolvimento humano.

No ecossistema educacional, essa nova percepção gera impactos profundos. A convicção de que o aprendizado é um fenômeno intrinsecamente social, mediado por símbolos e ferramentas culturais, exige uma metamorfose nas práticas pedagógicas tradicionais. A preocupação histórica centrada exclusivamente no "o que ensinar" ou seja, no acúmulo de conteúdos programáticos e tecnicistas — cede espaço para uma reflexão muito mais humana e complexa: o "como ensinar". Isso implica reconhecer que os processos de ensino-aprendizagem não ocorrem no vácuo, mas são atravessados por vínculos afetivos, pelo acolhimento das singularidades e por metodologias que respeitem a dignidade e a história de cada educando.

Dentro da dimensão analítica das posturas, os dados revelam que os elementos de maior relevância para o corpo discente residem nas subcategorias de proximidade e receptividade. A proximidade não se limita à mera disposição geográfica, mas à presença física estratégica do docente junto aos alunos, reduzindo distâncias simbólicas. Complementarmente, a receptividade manifesta-se no movimento corporal genuíno das professoras, que se voltam fisicamente para acolher, atender e escutar as demandas individuais e coletivas. Para os estudantes, essas atitudes transcendem o gesto mecânico, sendo interpretadas como métodos de ensino indiretos que promovem segurança emocional e estabelecem laços de cumplicidade e confiança indispensáveis para a fluidez do aprendizado.

No que tange aos conteúdos verbais, a eficácia da mediação pedagógica concentrou-se em verbalizações de incentivo. Essas falas não apenas encorajavam os alunos a persistirem na execução das tarefas, mas também funcionavam como bússolas cognitivas, apontando rotas para a superação de obstáculos e o esclarecimento de dúvidas complexas. Tais interações não ocorrem isoladamente; elas formam um sistema complexo de ações recíprocas entre professores e alunos. Cada movimento ou fala do docente está intrinsecamente ligado a uma ação prévia e, inevitavelmente, condiciona o comportamento subsequente do educando. É por meio dessa soma de microinterações que a professora qualifica o vínculo do aluno com o conhecimento, transformando o objeto de estudo em algo acessível e significativo.

Dessa forma, o que é dito, a entonação utilizada, o momento da intervenção e a intencionalidade por trás de cada palavra são tão cruciais quanto as ações práticas realizadas em sala de aula. Cada escolha do "como fazer" ao "por que fazer" impacta as raízes da relação professor-aluno, influenciando diretamente o sucesso ou o fracasso do ensino-aprendizagem. Nesse cenário de interdependência, o comportamento do professor funciona

como um catalisador: suas crenças, valores, desejos e até seus sentimentos não ditos afetam cada estudante de forma singular, moldando o clima emocional e cognitivo da sala de aula.

No âmago da experiência educativa, a eficácia do aprendizado é indissociável da qualidade das interações humanas que se desenrolam no cotidiano. Essa presença se manifesta por meio de emoções que rompem a barreira da mera coexistência espacial; tra-

ta-se de um movimento deliberado de aproximação que dissolve as hierarquias rígidas e as distâncias simbólicas, permitindo que o docente se torne um parceiro de jornada. Esse gesto ganha contornos de acolhimento absoluto através da Receptividade, uma linguagem corporal que fala sem palavras: o ato de voltar-se inteiramente para o aluno, o olhar que valida a existência do outro e a escuta que não apenas ouve, mas compreende as angústias e curiosidades infantis. Para a criança, esse conjunto de atitudes transcende a técnica pedagógica, sendo lido como um abraço emocional que edifica laços de cumplicidade, essenciais para que o conhecimento seja absorvido sem o medo da falha.

Em perfeita sintonia com essa linguagem corporal, os Conteúdos Verbais emergem como fios condutores da autoconfiança. As verbalizações de **Incentivo** operam como dispositivos de propulsão cognitiva, injetando no aluno a coragem necessária para enfrentar o desconhecido. Mais do que simples elogios, essas falas funcionam como mapas mentais que ajudam o estudante a navegar por mares de dúvidas, transformando obstáculos que pareciam intransponíveis em degraus para o amadurecimento. É fundamental perceber que o ecossistema da sala de aula é movido por uma causalidade constante: cada palavra proferida pelo professor, cada tom de voz e cada silêncio intencional geram uma reação em cadeia que molda a conduta do educando. É nessa somatória de microinterações diárias que a prática docente qualifica o vínculo entre o sujeito e o objeto de saber, tornando o ato de aprender uma experiência profundamente prazerosa e humanizada.

Nessa trama de mútua influência, o comportamento do professor atua como um catalisador de subjetividades. Seus valores éticos, suas convicções silenciosas e seus desejos que compõem o chamado currículo oculto atravessam as lições e atingem o aluno em sua essência. Um professor consciente de seu papel entende que o "como se faz" e o "por que se diz" são as verdadeiras lições que ficarão gravadas na alma da criança. Ao alinhar uma presença física acolhedora com uma linguagem verbal estimulante, o mestre cria um escudo contra os preconceitos externos, permitindo que cada estudante se sinta peça vital e legítima de uma sociedade plural. Portanto, o sucesso pedagógico depende da coragem do educador em ser, acima de tudo, um espelho de dignidade e respeito, capaz de transformar a sala de aula em um berço de cidadãos seguros de sua própria voz.

2. DESENVOLVIMENTO

A alfabetização é uma jornada fascinante e, ao mesmo tempo, extremamente desafiadora. Ela envolve um conjunto complexo de habilidades: ouvir com atenção plena, falar com clareza, interpretar sentidos ocultos e, finalmente, escrever com autonomia e intenção. Na Educação Infantil, trabalhamos os alicerces disso tudo através da oralidade, da escuta atenta e da exploração sensorial do mundo. Mas precisamos dar um passo além: entender que a criança aprende com o corpo todo, com a pele, com o olhar e, fundamentalmente, com o coração.

Vivemos em uma sociedade que pulsa e se organiza através da escrita. Estar alfabetizado é uma condição básica para o exercício pleno da cidadania — desde a capacidade de ler uma simples placa de rua até a complexidade de compreender seus direitos em um contrato ou navegar com segurança no vasto oceano digital. Por isso, inserir a criança nesse mundo desde cedo é um ato de inclusão social e democrática. No entanto, essa inserção deve ser feita com extrema delicadeza para não gerar traumas ou bloqueios. O professor atua como um mediador sensível, uma ponte humana entre o mundo dos signos e a realidade lúdica da criança.

A ciência contemporânea hoje confirma o que muitos educadores já sentiam intuitivamente na prática: o desenvolvimento humano é uma teia onde o cognitivo, o ético e o afetivo estão intrinsecamente entrelaçados. Como aponta Freitas (2020), não existe construção de conhecimento sólido sem interação social genuína e de qualidade. O aprendizado floresce no vínculo, na troca de olhares e no reconhecimento do outro. Quando

o aluno se sente seguro, validado e amado pelo seu professor, seu cérebro se abre para o novo, superando o medo do desconhecido. O debate sobre a inteligência emocional não é apenas um "tema da moda", mas uma necessidade urgente para humanizarmos nossas escolas.

No cotidiano escolar, a eficácia do ensino não reside apenas na transmissão técnica de informações, mas na profundidade das interações humanas que ocorrem no chão da sala de aula. Ao analisarmos a dinâmica das posturas, percebe-se que os alunos valorizam profundamente a presença real do educador. Essa presença se manifesta através de uma proximidade que vai muito além da ocupação do mesmo espaço físico; trata-se de um movimento estratégico do docente para quebrar as barreiras simbólicas da autoridade distante, colocando-se ao lado do estudante no processo de descoberta. Esse gesto é potencializado pela Receptividade, que se revela na linguagem corporal do professor: o ato de se inclinar para ouvir, o olhar atento e a prontidão em acolher as inquietações de cada criança. Para o aluno, essas atitudes não são meros formalismos, mas sim sinais claros de

que ele é visto e respeitado em sua individualidade, o que gera uma segurança emocional indispensável para que o aprendizado flua com confiança e cumplicidade.

Essa postura física e acolhedora deve estar em total harmonia no ambiente letivo. O uso de palavras de Incentivo atua como um combustível para a persistência do estudante diante dos desafios cognitivos. Mais do que elogios vazios, essas falas funcionam como guias que iluminam o caminho para a superação de dúvidas e dificuldades. É fundamental compreender que a sala de aula é um ecossistema de trocas contínuas: cada palavra dita, cada entonação de voz e cada silêncio do professor carregam uma carga de significados que molda o comportamento e a autoestima do aluno. Quando o educador utiliza sua fala para encorajar, ele está, simultaneamente, qualificando a relação da criança com o saber, tornando o conhecimento algo desejável e acessível.

A interdependência nessas relações revela que o professor atua como um verdadeiro catalisador de realidades. Suas crenças pessoais, seus valores e suas intenções muitas vezes não declarados atravessam o currículo invisível e afetam cada estudante de maneira única. Se o docente mantém uma postura rígida, baseada em estereótipos e preconceitos, ele acaba por criar um ambiente de exclusão. Por outro lado, um professor que integra a dimensão emocional à prática pedagógica consegue perceber como os padrões de gênero impostos pela sociedade podem ferir a autonomia dos alunos. Ao acolher a diversidade com sensibilidade, o mestre transforma o "como ensinar" em um ato de cuidado e humanização.

Portanto, o sucesso do processo de ensino-aprendizagem depende da capacidade do educador em harmonizar o que se faz com o que se diz. A intencionalidade por trás de cada gesto pedagógico é o que determina se a escola será um espaço de reprodução de desigualdades ou um território de libertação. Quando o professor se torna consciente de que seus próprios sentimentos e desejos influenciam a percepção dos alunos, ele assume a responsabilidade ética de ser um promotor da equidade. Ao unir a proximidade física ao suporte verbal constante, cria-se um vínculo inquebrável que permite ao aluno não apenas absorver conteúdos, mas desenvolver sua identidade com dignidade, sentindo-se parte integrante e valorizada da coletividade escolar.

A prática pedagógica baseada no afeto exige do docente uma escuta ativa que ultrapassa o ouvir biológico. É necessário 'escutar com os olhos', percebendo os sinais não verbais de frustração ou alegria que a criança emite durante os desafios da escrita. A intervenção psicopedagógica mais eficaz é aquela que devolve à criança a confiança em sua própria capacidade de aprender. Ao transformarmos o erro em uma hipótese de construção, retiramos o peso da punição e instalamos o prazer da investigação. A sala de aula humanizada torna-se, então, um laboratório de vida, onde os conflitos interpessoais são transformados em

oportunidades de aprendizado ético e social, consolidando a ideia de que aprender a ler o outro é tão vital quanto aprender a ler o alfabeto.

Ao longo do processo de alfabetização, a criança começa a perceber que a escrita é uma extensão de sua própria voz. Quando ela escreve uma carta para um colega ou registra um sonho em um desenho, ela está exercitando a sua identidade. Esse 'poder de dizer' é o que transforma o aluno de um espectador passivo em um autor da sua história. O papel do professor humanizado é incentivar esse protagonismo, criando situações onde a escrita faça sentido real e imediato. Não se trata apenas de copiar palavras do quadro, mas de registrar o que se sente, o que se deseja e o que se descobre. Esse letramento com significado é o que impede que a escola se torne um lugar de repetição mecânica, transformando-a em um espaço de autodescoberta e expressão genuína da alma infantil.

Dentro dessa jornada de descobertas, é urgente mudarmos nossa perspectiva sobre o erro no processo de escrita. Na Educação Infantil, o erro não deve ser visto como uma falha a ser corrigida com caneta vermelha, mas como uma 'escada' para o entendimento. Quando a criança escreve 'do seu jeito', ela está revelando uma lógica interna sofisticada e um esforço genuíno de compreensão do mundo. Humanizar a alfabetização é ter a sensibilidade de celebrar essa tentativa, incentivando o pequeno a continuar testando suas hipóteses sem medo de repressão. Ao desmistificarmos a perfeição imediata, retiramos um peso invisível das costas da criança, permitindo que a criatividade flua livremente. Afinal, um ambiente que acolhe o erro com um sorriso e uma nova pergunta é o único lugar onde a verdadeira inovação intelectual pode germinar.

A transição do ambiente doméstico para o universo escolar, mencionada por Dourado et al. (2024), exige uma pedagogia da delicadeza. O estranhamento diante do novo pode se tornar um bloqueio cognitivo se não houver um 'colinho pedagógico' que sustente as incertezas da criança. Alfabetizar, portanto, é também um exercício de hospitalidade. Ao acolher a bagagem cultural que o aluno traz de casa — suas histórias familiares, suas gírias e seus sotaques —, o professor demonstra que aquele saber prévio tem valor. Esse reconhecimento fortalece a autoestima do pequeno estudante, fazendo-o sentir que a escola não é um lugar de substituição de quem ele é, mas de ampliação de quem ele pode ser. O sucesso na introdução à escrita é, em grande medida, o resultado de um vínculo de confiança onde a criança sabe que seu erro será recebido com paciência e não com julgamento.

Além disso, a contação de histórias surge como uma estratégia pedagógica insubstituível. Ao ouvir uma narrativa, a criança mergulha em um mar de emoções que a ajudam a organizar seu próprio mundo interno. Ela se identifica com heróis, lida com medos através dos vilões e aprende sobre justiça e empatia. Essa experiência emocional expande o vocabulário de forma natural e prazerosa, facilitando a apropriação do sistema de escrita, pois

a criança passa a desejar dominar aquela tecnologia que lhe permite acessar tantas histórias incríveis. A leitura deixa de ser uma tarefa e passa a ser um tesouro a ser descoberto. Nesse mergulho profundo pelo universo das letras, a contação de histórias surge como o fio de Ariadne que guia a criança pelo labirinto do desconhecido. Segundo Carmo (2025), essa prática não é um simples entretenimento, mas uma contribuição cognitiva fundamental. Quando o educador narra uma história, ele "empresta" sua voz, seu corpo e suas emoções para que a criança construa seu próprio repertório visual e simbólico. É através do "era uma vez" que as funções psíquicas superiores são despertadas: a criança antecipa fatos, exercita a memória e, acima de tudo, desenvolve a empatia ao se colocar no lugar do personagem. Esse exercício de alteridade humaniza o processo de alfabetização, pois a criança passa a desejar dominar a escrita não por obrigação, mas para ter a chave que abre os baús de tantas narrativas fascinantes. O afeto, aqui, é o convite para uma viagem que a cri-

ança aceita com brilho nos olhos e o coração aberto.

Humanizar o processo de ensino-aprendizagem requer, antes de tudo, a capacidade de ler os silêncios da criança. Muitas vezes, a resistência a uma atividade de escrita ou a dificuldade em concentrar-se em uma leitura lúdica são sinais de processos internos que pedem acolhimento, e não cobrança. O professor que atua com afeto entende que o corpo da criança fala: um olhar baixo, uma hesitação ao segurar o giz ou o entusiasmo excessivo em uma brincadeira de roda são dados pedagógicos valiosos. Ao dar espaço para que a criança expresse suas angústias e medos, o educador limpa o terreno emocional para que a alfabetização ocorra. Sem essa limpeza das 'ervas daninhas' da ansiedade e da insegurança, o conhecimento dificilmente criará raízes profundas e duradouras.

Educar na infância exige, sobretudo, a coragem de respeitar o tempo da lentidão. Em um mundo cada vez mais acelerado e digitalizado, a escola deve ser o reduto onde a criança tem o direito de observar o caminho das formigas, de repetir a mesma história dez vezes e de testar hipóteses sem a pressão do relógio. Humanizar a alfabetização é entender que o silêncio da criança também é produtivo; é o momento em que ela está processando o som das sílabas e as conexões do sentido. Como educadores, nossa missão é oferecer uma 'escuta generosa', aquela que não busca apenas a resposta correta, mas que se interessa pelo processo criativo do aluno. Esse respeito ao ritmo biológico e psicológico é o que impede que a aprendizagem se torne um fardo e permite que ela seja vista como uma conquista pessoal e prazerosa.

Precisamos reafirmar que, na Educação Infantil, o brincar é a forma mais alta de pesquisa. Quando uma criança brinca de 'faz-de-conta', ela está, na verdade, exercitando a capacidade de simbolização que será exigida dela na alfabetização. A letra 'A' é, em si, um símbolo abstrato, e a criança que teve a oportunidade de transformar uma caixa de papelão em um foguete terá muito mais facilidade em compreender que um desenho no papel pode representar um som ou uma ideia. Portanto, o tempo do recreio e as atividades lúdicas não são 'pausas' no aprendizado, mas sim o momento em que a alfabetização discursiva (Costa, 2025) se consolida na prática social. O afeto se manifesta aqui no respeito ao direito de ser criança, garantindo que o lápis e o papel sejam extensões naturais do brinquedo, e não seus substitutos.

3. CONCLUSÃO

Ao olharmos para a teoria histórico-cultural, compreendemos que nos tornamos verdadeiramente humanos através da cultura e do contato constante com o outro. Cada rima cantada na roda, cada história lida com entonação dramática e cada brincadeira de fazdeconta na Educação Infantil são tijolos essenciais na construção das funções psíquicas superiores da criança. O ambiente escolar deve ser, portanto, um banquete de estímulos literários e afetivos: livros coloridos ao alcance das mãos, poesias que brincam com o som das palavras e narrativas que despertam a consciência fonêmica de forma leve, sem pressões desnecessárias.

Concluímos que a Educação Infantil é muito mais do que um simples degrau acadêmico; é o espaço sagrado onde a linguagem oral ganha asas para se transformar em escrita e pensamento crítico. Ao priorizar o desenvolvimento da fala, da empatia e da compreensão auditiva através do afeto, estamos dando à criança as ferramentas necessárias para que ela escreva sua própria história com confiança e coragem. O professor que educa com afeto não marca apenas o caderno do aluno, mas marca a sua vida, deixando lembranças positivas que servirão de base para todos os aprendizados futuros.

As emoções não são um "acessório" ou um detalhe da inteligência; elas são o próprio motor que a faz funcionar e girar. Quando fortalecemos o vínculo entre quem ensina e quem aprende, criamos um ecossistema de motivação mútua onde o erro é visto apenas como uma etapa natural do processo e o acerto é celebrado como uma vitória de todo o grupo. Alfabetizar com afeto é, em úl-

tima análise, o caminho mais seguro e ético para formarmos cidadãos plenos, críticos, resilientes e, acima de tudo, profundamente sensíveis ao mundo que os cerca. A educação do futuro precisa, necessariamente, passar pelo coração.

Refletir sobre a Educação Infantil sob essa ótica nos leva a crer que o legado mais importante de uma instituição não são os métodos de memorização, mas a qualidade das memórias afetivas construídas. Uma criança que se sente pertencente a um grupo, que tem sua voz valorizada e sua imaginação estimulada, desenvolverá uma relação de amor com o conhecimento que perdurará por toda a sua trajetória acadêmica. A alfabetização discursiva,

portanto, não é um fim em si mesma, mas um meio de libertação. Ao garantirmos que a base emocional seja sólida, estamos prevenindo dificuldades futuras e promovendo uma saúde mental que será o alicerce para os desafios da vida adulta. Educar é, em última instância, um exercício de presença e entrega.

Ao projetarmos o impacto dessa educação humanizada no longo prazo, percebemos que estamos formando muito mais do que bons leitores de textos; estamos forjando leitores de contextos. Uma base sólida na Educação Infantil, pautada no afeto e no respeito à essência humana, é o melhor antídoto contra a indiferença social e o analfabetismo funcional. A criança que aprende a ler em um ambiente de ternura desenvolve uma relação ética com a palavra, compreendendo que a linguagem serve para construir pontes e não muros. Portanto, o investimento na formação continuada dos professores, focada na sensibilidade e na escuta, não é um luxo, mas uma urgência democrática. Garantir que cada sala de aula seja um celeiro de sonhos e segurança é o compromisso mais nobre que uma sociedade pode assumir com suas futuras gerações.

Não podemos encerrar esta reflexão sem mencionar que a humanização da escola transborda os seus muros e alcança o núcleo familiar. A alfabetização emocional proposta por Dourado et al. (2024) só atinge sua plenitude quando há uma parceria genuína entre os educadores e as famílias. Quando a escola acolhe os pais com a mesma empatia com que acolhe os alunos, cria-se uma rede de proteção que sustenta a criança em seus momentos de insegurança acadêmica. Afinal, a alfabetização é um rito de passagem comunitário. Ao celebrarmos juntos cada pequena vitória — a primeira palavra lida, o primeiro bilhete escrito à mão, estamos reafirmando para o pequeno estudante que ele não está sozinho. Essa aliança afetiva é o que transforma o conhecimento em sabedoria e a escola em um verdadeiro lar para o pensamento crítico.

Em última análise, a jornada da alfabetização iluminada pelas pesquisas recentes de Carmo (2025) e Costa (2025) revela que o sucesso acadêmico é o reflexo direto de uma base emocional sólida. Não podemos falar em formação integral se não valorizamos o sentir tanto quanto o pensar. A educação que realmente transforma e permanece gravada na memória é aquela mediada pelo carinho, pela paciência e pela escuta ativa.

Concluímos que alfabetizar é, essencialmente, um ato de esperança e conexão humana. O professor atua como o guardião das potencialidades de cada criança, garantindo que o aprendizado seja sempre um encontro festivo com o conhecimento. Que possamos, como educadores, honrar o "olhar que afeta", transformando a sala de aula em um espaço onde a técnica e a alma caminham juntas, construindo um futuro onde ler e escrever sejam, acima de tudo, formas de amar e transformar a realidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.** BRASÍLIA, DF: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1996.

CARMO, D. DO. (2025). **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.** REVISTA IBERO-AMERICANA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO, 11(3),

159–168.

COSTA, E. L. DE L. ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA E PSICOPEDAGOGIA COMO ESTRATÉGIA PARA ENFRENTAR DIFICULDADES DE APRENDIZA-GEM NO CICLO DE

ALFABETIZAÇÃO. REVISTA ILUSTRAÇÃO, [S. L.], V. 6, N. 3, P. 33–45, 2025.

DOURADO, A. F. ET AL. **ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL COMO ESTRATÉGIA**

INTERDISCIPLINAR PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL. REVISTA MISSIONEIRA, V. 26, N. 2, 2024.

FREITAS, K. S. DE. **O OLHAR SENSÍVEL QUE AFETA. REVISTA CIENTÍFICA**

MULTIDISCIPLINAR NÚCLEO DO CONHECIMENTO. ANO 05, ED. 08, VOL. 08, AGO. 2020.